Alexandre Albagli Oliveira

O PONTAL DE DEODÓ

1.

"Essa vida cabe em mim?", Deodó me perguntou, segurando-me pela gola da camisa, o suor lambia o rosto, os olhos redondos, cintilantes. "Somos o que um dia fomos", é o que dizia, como se fosse prosa, poesia, e depois vendia silêncio, como se as palavras pudessem emudecer. Eu aguardava o fim de tarde, na varanda de casa, para Bendita desdizer o mal entendido, desvendar meu amigo, suas sombras, seus fantasmas. "Que Deodó não desista de si mesmo", é o que dizia a mãe, profanando medos, receios. "O tamanho da queda é o tamanho da altura", dizia, e deitava os olhos na Baía do Pontal, seu eldorado.

Eu morava nas margens da Baía do Pontal e minha mãe dizia ser o local de passeio de Deus, em suas merecidas férias. Talvez estivesse certa. Era pintura, e isto me bastava. E era poesia, isto também me bastava.

E morei, na infância, embrenhado em uma fazenda de cacau, acordando às cinco e dormindo às seis. De lá, me sobraram lembranças, e algumas lágrimas, e alguns sorrisos também; as "memórias de infância", como dizia Bendita, "verdades e mentiras, ou mentiras e verdades, filho da puta

se estiver errada", dizia, dedo em riste, condenando libertinagens, e também prisões, "um presente refém do passado?". E me exigia reverência, palavras exatas, "silêncios e gritos mudos que dizem muito de nós mesmos". Depois, dispersava os arroubos; não sei se modos, ou medos, ou modos e medos. Bendita às vezes era ambígua, "o sol que nasce é o sol que se põe", uma ambiguidade acintosa, pensada, milimetrada, real; era pretexto, "a esquina é segredo de puta?", pensava alto, e depois impunha silêncio. Valia-se das dúvidas, de interrogações, antes de empunhar respostas, exclamações. "Sua mãe é exata; sabe que a dúvida vem antes da certeza", dizia Deodó, investindo-se na condição de defensor de mainha.

Bendita tinha pendor pela política, pela diplomacia, não era professoral nem era bedel. Era exata. "As palavras parem segredos", eu cresci ouvindo a ordem; era ordem disfarçada de ponderação, mas era ordem. Sua erudição passava pelo rude, eu percebi isto anos depois, quando me convenci de sua genialidade.

Ao lado da moradia de minha família, na direita, na beira da Baía do Pontal, no pé do Morro de Pernambuco, estava a residência de Antônio Adeno Primeiro, ou Antônio Fuleiro, no batismo que a rua lhe deu, entre o atrevimento e o merecimento. "Talvez pior do que prega de cacau ou peixe podre", diziam as vozes da rua, na baía do Pontal. "Onde a infâmia se homiziou?", Bendita benzia-se, era pergunta e era resposta. A mãe soprava estas ambiguidades, irrelevâncias, e, no final, soprava a verdade: "não vale de nada". "Um tiro de arpão", eu dizia em seu pé de ouvido. Nós crescemos sob a batuta de

Bendita. E os vizinhos também, ainda que não soubessem, ou fingissem não saber.

Eu tinha que voltar ao passado, que nem sombra de pé de árvore, nem mesmo sei se era um presente relutante, ensimesmado, ou se era uma semente de futuro. Sempre ouvi Deodó dizer a frase, quando jogava gude ou se embrenhava nos pensamentos. "Somos o que um dia fomos", dizia meu amigo, olhando para si mesmo, como se fosse "cartomante de dívidas do destino", profetizava Bendita, cuspindo heresias, apontando para o meu amigo. O fato é que Deus colocou a mãe ao lado da família vizinha, a de Fuleiro, não como uma agregada, um estorvo, mas como se fosse uma mão estendida, uma sombra de si mesma. E assim aquelas vidas se entrelaçaram, "um laranjal crescido nas mudas de limoeiros, verso e anverso de uma mesma moeda", Deodó me disse, um dia, dois dias.

Eu morava com minha mãe, minha irmã e meu irmão. Minha mãe se chama Bendita e minha irmã, Dalila. "Bendita e maldita", um dia pensei, perdido em maus pensamentos; "adjetivos que antecedem substantivos?", dizia Bendita, transformando certeza em dúvida. O dedo em riste de minha mãe exigia reverências, amor fraterno, "bons modos e bom juízo evitam mal presságio", dizia rispidamente, cuspia a sentença que o juiz não deu, "e ainda dor de barriga". E me acusava de ser "dolosamente incontido" com minha irmã, "até afrontoso". Se eu cuspia mal sentimentos contra Dalila, a mãe transformava em predicados.

Bendita era um anjo vestido de saia rodada, e só lhe faltava o reconhecimento da Santa Fé. Não tinha dinheiro, pois

era órfã do cacau, com calos nas mãos e lembranças sussurradas nas incansáveis histórias de fim de tarde; eu as ouvi várias vezes, algumas melosas, enebriadas pela fantasia, outras virtuosas; "mel de cacau, que porra é esta?", as perguntas me fizeram pensar a vida, palmo a mais de um cacaueiro ou de um barco de pesca. "O achado é ter a lembrança, a virtude é um caso a se pensar", desculpava-se Bendita, em voz baixa, para si mesma, dizendo abstrações, períodos incompletos, frases soltas, para se livrar da imputação que eu lhe dirigia com os olhos, de ser conivente com as fantasias do fruto. Quando queria, era superficial; quando necessário, era exata, devastadora. E ainda tinha um saco de vinténs guardado, "as últimas amêndoas de cacau", seu eldorado, seu argumento. "Enxerga grandeza no dedo mindinho", eu dizia a mim mesmo, em silêncio, quando lhe via seduzida pelo fruto e pelo passado. Este saco de vinténs terminou com Deodó, ou começou com ele, nem sei o gosto do freguês. "O mel do cacau até emprenha mulher", meu amigo dizia a todo instante, lambia os dedos e fazia gesto obsceno com a língua.

"Bendita tem doutoramento", Deodó dizia em meu pé de ouvido, "é sabida, e nem fala como professora ou bedel", botava a palavra na frente, depois botava o silêncio. Nem sei se era manha, ou se era propósito. "O silêncio é reverencial", dizia de uma vez só, "mas também pode ser maldoso".

A mãe gostava dos verbos, "o que há entre os substantivos e os adjetivos?", perguntava ao amarelo do barco de pesca, que olhava apertado, via visagem. E também não era hostil com sentimentos, não os renegava, tampouco os melava no doce de cacau. "Quem maquia a realidade, colhe devaneios",

dizia para os filhos. "Quem gosta de pintura é casco de barco ou beiço de puta", finalizava, exigindo pés no chão aos filhos.

No mais, sabia compreender o erro, "vaso de adornar ambientes", disse isto muitas vezes, e depois apontava para a Baía do Pontal. E me exigia política, no jogo de tampinhas, na venda de cigarros, na vida. "O muque ou o argumento; o consenso ou a guerra", assoprava, entre os dentes, tentando desenhar a minha vida e a de meus irmãos.

A segunda, Dalila, minha irmã, era uma "tese de doutoramento", como me disse Deodó, debaixo do pé de planta, "ou a antítese do mesmo assunto", sorria debochado, via divindades no inferno dos pecados, quando a santa era minha irmã, "santa puta, donzela da calçola cor de laranja", eu lhe dizia, e ele ficava endiabrado. Por minha irmã tive pena, tive raiva, tive malogros, e nem falo do resto, talvez amor, Bendita pautava o sentimento, "é calor quando se acha frio", e apontava para a pedra de Ilhéus, no meio do mar. A mãe rejeitava a minha indiferença com Dalila, dizia ser "feitiço, ingratidão", falava estas prosas, depois disparava cascudo, ou silêncio, ou dúvidas. Quando o assunto era Dalila, Bendita não me poupava destinos, sentenças, "uma reverência a si mesmo?", dizia do meu amor mal disfarçado por minha irmã, "amores vestidos de incompreensões".

O meu irmão Anastácio era o caçula e o xodó. Era menino homem, já tinha pelos nos culhões, mas nasceu para ser mulher, não pelo par de brincos que um dia quis, ou pelo cabelo escovado para o lado, penteados com gel, as roupas com goma e cheiro de alfazema, brilhantina, calça boca de sino. Era "homem grande", como dizia Deodó, "que não precisa de

muque, ou de empinar os culhões para a vizinhança". "Não sou flor nem mato", tinha a frase na língua, ouviu de Bendita, que lhe pegava pela gola da camisa e lhe dizia sentenças, ordens disfarçadas de afeto, ou afetos disfarçados de ordem: "A verdade é impávida, devastadora, e a mentira é engodo, beiço de mula". E depois lhe beijava o cangote, lhe cheirava os cabelos. Anastácio cresceu ouvindo a ruindade alheia, "invertido, resto de homem", mas Bendita curou os males do ouvido, e lhe deu amor, "tem o gosto de sal, quando tem que ser mar, e tem o gosto de açúcar, quando tem que ser rio", dizia em voz baixa, olhando nos olhos de meu irmão, que cresceu cheio de si, vendo no espelho a imagem que lhe devotávamos.

Com Antônio Fuleiro, o vizinho da direita, viviam sua mãe, sua esposa, seu filho Antônio Adeno Segundo e seu filho Deodó. "Quem paga o preço do desamor?", Bendita perguntava a si mesma, era a pergunta de uma vida, "um abismo de sentimentos", dizia a voz que eu ouvia, "vozes mudas", mainha resmungava, detestava o sopro amargo da hipocrisia, o peso das narrativas malditas. A fraternidade da casa vizinha existia apenas no registro de cartório, não se sabe como os irmãos habitaram em um mesmo ventre, "um é vento o outro é peido", dizia Bendita, nem sei se triste ou alegre. O fato é que os dois irmão saíram de um mesmo culhão, dos mesmos bagos, tinham o mesmo sangue, o mesmo sobrenome, não se sabe como. "Há uma divindade que assuma o engodo?", Deodó se perguntava, e se benzia, "quem paga o preço do desamor?". E olhava para mim e para minha mãe como se fôssemos a sua redenção, o seu consolo.

Antônio Fuleiro e Rosena ainda tiveram uma filha, que sumiu no mundo, quando criança, e ninguém soube me contar com exatidão esta prosa, "resto de nada", dizia Bendita quando eu lhe perguntava, e maldizia o vizinho. Só depois o vento me disse, e eu nem quis ver, nem saber, nem ouvir, nem entender, nem nada, "porra de nada", a prosa que saía da boca de Bendita ou que vinha do vento da Baía do Pontal. Boa coisa não era, eu pressagiei.

O primeiro filho, Armelim, também sumiu no mundo, depois de entregue por Rosena, às pressas, a um casal das Alagoas. Fuleiro batia no filho, dia e mais dia, noite e mais noite, sol nascendo, sol se pondo, que foi preciso entregá-lo na feira do mercado, como se fosse um fardo de comida, um saco de cacau.

A esposa Rosena era a "cúmplice obsequiosa do marido pústula", Deodó falava aos poucos, e anotou nas suas memórias, nem escreveu com lápis de cor nem com tinta de barco, a vida lhe deu este dom, vestia o silêncio com palavras, as palavras com silêncio, "essa vida cabe em mim?", perguntava-se na altura de seu pensamento, quase um sussurro, quase um desabafo. "Ela defende a si mesma", meu amigo fazia esta leitura, e nem era ressentimento, e nem era mágoa, nem obra pronta do destino. "Beiço de mula", a mãe dizia. E ele sabia, soube nas sombras, e nas vozes que não têm dono, embaixo da saia de Bendita, que lhe fez às vezes e lhe abriu a porta de casa. "A pretensão do vício pela virtude", Deodó dizia, quando se consumia com os malogros familiares, em palavras herdadas de um livro. "Esse menino carrega o peso da saudade

CONTATO DO AUTOR

albaglioliveira@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em agosto de 2023.